

VOZ DA PALAVRA

DESTAQUE DE CAPA

RACINE FONTENELE A VOZ QUE DÁ ESPAÇO ÀS VOZES

No comando do Coletânea Podcast, ele transforma comunicação em ponte cultural, abrindo microfones e criando oportunidades para talentos cearenses.

ENTREVISTA
EXCLUSIVA

Bastidores, desafios
e visão de futuro

- Comunicação: dom natural ou construção diária?
- O microfone como instrumento de inclusão
- Cultura cearense em evidência
- Bastidores e visão de futuro

ISSN 3085-9026



1 2845 67890

ISSN 3085-9026

Revista Voz da Palavra



Volume 2

E-mail: profgilsonpontes4@gmail.com

Contato: (85) 9 9648-2190

Março 2026/Fortaleza/CE

Editores

Gilson de Albuquerque Pontes

&

Pedro Blum de Moura

Copyright © Revista Voz da Palavra

Um Espaço Especial para Destacar os Autores



Gilson Pónthes



Pedro Blum

Escritores e Poetas Nesta Revista

- Bernivaldo Carneiro
- Gilson Pónthes
- Pedro Blum
- Racine Fontenele

EXPEDIENTE

**Presidente: Gilson de Albuquerque Pontes
e Vice-Presidente: Pedro Blum de Moura**
Revista: Voz da Palavra
Editor Chefe: Gilson de Albuquerque Pontes
**Criadores da Revista: Gilson de Albuquerque Pontes
e Pedro Blum de Moura**
Revisão: Emmanuela A. Amaral de Moura
Design e Diagramação: Gilson Pónthes
Ilustrações: Gilson de Albuquerque Pontes
Colaboradores desta revista:
**Redes Sociais: Site, Instagram,
Facebook, Google e WhatsApp**

NOTA

**Todos os textos e imagens
publicadas
são de responsabilidade
da revista.**
**A reprodução é permitida somente
com autorização por escrito.**

site: revistavozdapalavra.com.br



@voz.da_palavra

**Que cada página seja convite
à contemplação:
ler sem pressa, refletir sem
ruído, sentir sem máscaras.**

EDITORIAL

Vivemos em um tempo marcado pela abundância de informações e pela velocidade com que as notícias circulam nas redes digitais. Paradoxalmente, quanto mais se fala, menos se escuta. A comunicação, que deveria aproximar pessoas, muitas vezes se perde em ruídos, opiniões apressadas e discursos que não encontram espaço para o diálogo.

Nesse cenário, a escuta torna-se um gesto cada vez mais valioso. Comunicar não é apenas transmitir palavras, mas criar pontes entre experiências humanas. É permitir que histórias encontrem voz, que ideias circulem e que diferentes perspectivas possam dialogar de forma respeitosa e construtiva.

A Revista Voz da Palavra nasce exatamente desse compromisso: valorizar a palavra como instrumento de encontro. Nesta edição, destacamos a trajetória do comunicador cearense Racine Fontenele, cuja atuação no rádio e no podcast reafirma a força da comunicação que nasce da sensibilidade e do respeito pelo público.

Ao longo de décadas dedicadas à cultura e à comunicação, Racine construiu um caminho onde arte, música e diálogo caminham lado a lado. Seu trabalho mostra que o microfone pode ser mais do que um meio técnico: pode ser um espaço de escuta, de acolhimento e de valorização da diversidade cultural que compõe a identidade nordestina.

Em um mundo cada vez mais visual e acelerado, a voz continua sendo uma das formas mais diretas de tocar as pessoas. A palavra falada carrega emoção, intenção e silêncio — elementos que dão profundidade à comunicação humana e que mantêm viva a tradição do rádio, agora ampliada pelos novos formatos digitais, como o podcast.

Assim, esta edição reafirma um princípio essencial: comunicar é também um ato cultural. Quando a palavra é usada com responsabilidade e sensibilidade, ela se transforma em ponte entre gerações, territórios e experiências. Celebrar comunicadores que dedicam suas vidas a esse ofício é reconhecer a importância da escuta, do diálogo e da cultura em nossa sociedade.

SUMÁRIO

Racine Fontenele — A voz que conecta pessoas e histórias	7
Racine Fontenele — A voz que celebra a cultura cearense e a comunicação brasileira	8
O comunicador e seus projetos	9
Entrevista — Racine Fontenele	10
ColeTânea Podcast	11
Cartografia Íntima — Bernivaldo Carneiro	12
Síntese — Homenagem à Fortaleza — Pedro Blum	13
Fortaleza 300 anos	14
Sonhos — Pedro Blum	15
Quem lê atravessa mundos — Gilson Pónthes	16
Jangada — Isabel Barros	17
Crônica/Velhice - Pedro Blum e Gilson Pónthes	18
Um Mundo Virtual — Crônica — Gilson Pónthes	19
Caça-palavras filosófico	20

Racine Fontenele — A voz que conecta pessoas e histórias

Por trás do microfone, um comunicador que vive a arte com alma e propósito.

Racine Fontenele é mais que um nome conhecido da música e do rádio cearense — é um símbolo de afeto, persistência e talento multifacetado. Cantor, compositor, jornalista, apresentador e radialista, ele construiu uma trajetória marcada por amor à arte, respeito às pessoas e um compromisso genuíno em valorizar a cultura popular.

Nascido em Fortaleza, em 13 de dezembro de 1968, Racine cresceu em uma casa repleta de música, afeto e histórias. Filho de professores — Dona Matilde e Seu Ribamar —, aprendeu cedo que a educação e a cultura são pilares de transformação. O ambiente familiar, regado por serestas e encontros musicais, foi sua primeira escola artística e emocional.

Seu talento despontou na adolescência, quando subiu ao palco pela primeira vez e nunca mais quis sair dele. A música o levou aos programas de rádio, aos festivais e, com o tempo, ao coração do público.

Paralelamente à carreira musical, Racine trabalhou como bancário e, mais tarde, se formou em Letras, Direito e Jornalismo, consolidando o comunicador completo que é hoje.

Com uma trajetória que percorreu diferentes estados do Brasil, Racine coleciona experiências que ampliaram seu olhar humano e cultural. Depois de morar no Amazonas, no Espírito Santo e no Distrito Federal, retornou a Fortaleza trazendo na bagagem a maturidade e a diversidade de um artista inquieto, sempre em movimento.

Em 2020, estreou o Programa Coletânea, na TV Precabura, e, desde então, o projeto se

transformou em um dos espaços mais queridos da cena cultural cearense. Atualmente, o Coletânea PodCast, transmitido pela FM Benfica e agora também pela Web TV Doinha Prata, é ponto de encontro de artistas, pensadores, humoristas e músicos, num formato leve, afetuoso e profundamente humano.

Para Racine, comunicar é um ato de amor — e essa essência se reflete em cada entrevista, canção e palavra dita ao microfone. Seu olhar atento e generoso revela o verdadeiro papel do comunicador: unir pessoas, emocionar e deixar marcas por onde passa.

“A arte é o que me move e me conecta às pessoas. O que eu faço é celebrar a vida através da música e da palavra.”

Casado com Zaida Autran, pai de três filhos — Racine Júnior, Patrícia e Lucas — e avô do pequeno Bernardinho, Racine vive uma fase de plenitude pessoal e profissional. Entre os estúdios da rádio e os palcos da cidade, ele segue inspirando novas gerações de artistas e comunicadores, provando que o talento, quando aliado à generosidade, é capaz de ecoar por toda uma vida.

Minibiografia

Racine Fontenele

Cantor, compositor, jornalista, radialista e apresentador.

Natural de Fortaleza (CE).

Apresenta o Coletânea PodCast pela FM Benfica e Web TV Doinha Prata.

Formado em Letras, Direito e Jornalismo.

Casado com Zaida Autran, pai de três filhos e avô de Bernardinho.

RACINE FONTENELE — A Voz que Celebra a Cultura Cearense e a Comunicação Brasileira

Por Redação Especial

Nascido em Fortaleza, Ceará, no dia 13 de dezembro de 1968, Racine Fontenele é um dos nomes mais respeitados da comunicação cearense contemporânea. Comunicador, cantor, radialista, apresentador e produtor cultural, Racine construiu uma carreira sólida baseada no amor pela arte, pela música e, acima de tudo, pelo diálogo com o público. Sua trajetória é marcada por talento, sensibilidade e uma ligação profunda com suas raízes nordestinas.

FAMÍLIA E ORIGEM: O ALICERCE DE UMA VIDA DE VALORES. Racine cresceu em uma casa cheia de vozes, risadas e histórias. Filho de Dona Matilde, professora dedicada, e Seu Ribamar, também professor e um exemplo de integridade, ele é o 14º entre 16 irmãos — uma verdadeira constelação familiar. A infância no bairro Monte Castelo, em Fortaleza, foi marcada por simplicidade, mas também por muita criatividade. Desde pequeno, mostrava vocação para o comércio e para a comunicação: vendia balas e bombons na janela de casa, improvisava brincadeiras e narrava as histórias que ouvia dos mais velhos.

A casa da família Fontenele sempre foi um espaço de convivência e aprendizado. As brincadeiras com os irmãos, os conselhos da mãe e a firmeza do pai moldaram o caráter de Racine. Foi também nesse ambiente que ele começou a desenvolver seu interesse por música e por gente — dois elementos que viriam a se tornar pilares da sua vida profissional.

OS PRIMEIROS PASSOS NA MÚSICA. Ainda jovem, Racine Fontenele se apaixonou pela música. Suas primeiras apresentações

eventos locais. A paixão virou ofício quando gravou seu primeiro compacto, com duas canções autorais, produzido por Natinho da Ginga e gravado no renomado Pró-Áudio Estúdio, um dos mais respeitados do Brasil. A canção “O Seu Coração é Só Meu” foi destaque nas rádios cearenses, e o jovem artista passou a percorrer emissoras divulgando seu trabalho. Bater de porta em porta, pedir espaço e ouvir sua música tocar no rádio foram experiências que marcaram sua jornada e moldaram seu caráter persistente.

Mais recentemente, Racine lançou o single “O Que Você Fez”, produzido por Jorge Lann e Netinho do Ceará, que se tornou a música-tema do programa Coletânea PodCast — símbolo da nova fase de sua carreira.

DA MÚSICA AO RÁDIO: O COMUNICADOR NASCE. Com o tempo, Racine percebeu que sua voz ia além das notas musicais — ela tinha o poder de conectar pessoas. Assim começou sua trajetória no rádio, um meio que ele transformou em palco para artistas, ideias e boas histórias. Hoje, ele comanda o Coletânea PodCast, transmitido pela FM Benfica e pelo YouTube, todas as terças-feiras às 20h, um programa que se consolidou como vitrine da cultura cearense e espaço de valorização de novos talentos.

Com uma linguagem simples, empática e envolvente, Racine conduz entrevistas com músicos, atores, terapeutas, escritores e empreendedores, sempre destacando o que há de mais humano em cada convidado. O programa já recebeu artistas consagrados e nomes emergentes, mostrando que o Coletânea é mais do que um talk show — é um ponto de encontro da arte e da vida real.



O COMUNICADOR E SEUS PROJETOS. Racine Fontenele não é apenas um apresentador — é um construtor de pontes entre a cultura e o público. Além do Coletânea PodCast, ele tem novos projetos em parceria com a Web TV Doinha Prata, ampliando o alcance de seu conteúdo e apostando em formatos digitais que unem rádio, TV e internet. Com uma trajetória que soma mais de 35 anos de dedicação à comunicação e à cultura, Racine é hoje uma referência de profissionalismo, ética e amor ao que faz.

A MISSÃO DE COMUNICAR. Para Racine, comunicar é mais do que falar — é sentir, é ouvir, é transformar. Ele acredita que a comunicação tem o poder de curar, unir e inspirar. Em suas palavras: “O microfone é um instrumento de amor. Quando a gente fala com o coração, a mensagem chega onde precisa chegar.” Essa filosofia tem guiado sua carreira e explica por que seu nome é lembrado com tanto carinho por colegas de profissão, artistas e ouvintes.

O LEGADO. Racine Fontenele é, acima de tudo, um contador de histórias. De uma infância simples em Fortaleza à posição de destaque na mídia cearense, ele representa a força de quem acredita na arte e na comunicação como instrumentos de transformação social. Sua história continua sendo escrita — agora com novos projetos, novas vozes e o mesmo compromisso de sempre: emocionar, informar e inspirar.

Entrevista — Racine Fontenele

1. Em um tempo de excesso de informação e escassez de escuta, você se percebe mais como comunicador técnico ou como mediador de sensibilidades?

Eu me vejo muito mais como um mediador de sensibilidades. A técnica é necessária, claro, ela organiza o discurso, dá ritmo e estrutura. Mas o que realmente me move é a escuta. Em um tempo em que todo mundo quer falar, quem escuta com atenção acaba criando pontes. Meu papel é justamente esse: criar um espaço seguro onde o outro se sinta à vontade para ser quem é, sem performance excessiva.

2. Você nasceu com esse dom para a comunicação ou foi a curiosidade que o conduziu a esse caminho — e você ainda gosta do que faz ou hoje a comunicação é mais ofício do que paixão?

A curiosidade sempre veio antes do “dom”. Desde cedo eu quis entender pessoas, histórias, bastidores. A comunicação foi o caminho natural para isso. E sim, eu ainda gosto muito do que faço. Quando deixa de ser paixão, a comunicação vira ruído. O dia que eu sentir que virou só ofício, é sinal de que preciso parar, repensar ou mudar o formato.

3. O rádio carrega o risco e o encanto do improviso. O que o “ao vivo” ainda ensina que o digital não substitui?

O ao vivo ensina presença. Ele exige atenção plena, respeito pelo tempo do outro e responsabilidade com cada palavra. No rádio, você não edita emoções. O improviso revela caráter, humanidade e verdade. O digital pode corrigir, lapidar, mas nunca substitui a adrenalina e a honestidade do instante.

4. Ao selecionar convidados e abrir espaço no programa, como você lida com o risco de dar oportunidade a alguém sem saber

exatamente se aquela escolha “vale a pena”? O que pesa mais: intuição, responsabilidade ou compromisso com a descoberta?

Esse risco faz parte do processo. Eu confio muito na intuição, mas ela vem acompanhada de responsabilidade. Abrir espaço é um ato de confiança e também de compromisso com a descoberta. Nem todo convidado precisa ser “pronto”. Às vezes, o valor está justamente no que ainda está sendo construído.

5. De que maneira sua identidade regional influencia o tom das entrevistas? O rádio ainda é um espaço de resistência cultural?

Minha identidade regional influencia totalmente o tom das entrevistas. Eu acredito na força da cultura local, nas histórias que nascem aqui e muitas vezes não encontram espaço. O rádio ainda é, sim, um território de resistência cultural, principalmente quando decide olhar para além do óbvio e do que já está legitimado.

6. Na sua prática, qual é o limite entre provocar o entrevistado e permitir que ele conduza a própria narrativa?

O limite é o respeito. Provocar é necessário, mas nunca para constranger. Eu gosto de conduzir a conversa até um ponto em que o entrevistado se sinta confortável para assumir o controle da própria narrativa. Quando isso acontece, a entrevista deixa de ser pergunta e resposta e vira encontro.

7. O podcast arquiva o que o rádio antes deixava no instante. Isso aumenta sua responsabilidade com o que é dito?

Aumenta, e muito. Saber que aquilo ficará registrado exige mais consciência. Não no sentido de engessar, mas de compreender o peso das palavras. O podcast transforma o instante em memória, e memória também é responsabilidade.

8. Em um mundo cada vez mais visual, o que sustenta a força da voz? O que mantém o

rádio e o podcast vivos?

O que sustenta a força da voz é a verdade. A voz carrega emoção, intenção e silêncio. Em um mundo saturado de imagens, a voz ainda tem o poder de atravessar. O rádio e o podcast continuam vivos porque oferecem algo raro hoje: presença, escuta e humanidade.





Cartografia Íntima

(por Bernivaldo Carneiro)

A ocasião exigiria a bebida do amor e quando Léo comprava vinho no supermercado Antonieta ligou pedindo um Presto Barba. Precisava se depilar antes de tudo.

Ele brincou: “Sou geólogo, homem do campo e encaro qualquer mata”.

Mas ainda assim, Léo levou o aparelho para Antonieta raspar a... a... a... a “batata” da perna.



SÍNTESE — HOMENAGEM À FORTALEZA

O Ano do Seu Tricentenário

Por: Pedro Blum

Fortaleza, capital do Estado do Ceará, constitui hoje uma das mais importantes metrópoles do Nordeste brasileiro. Formada por um vasto conglomerado de bairros e por uma extensa Região Metropolitana, a cidade revela, em sua paisagem urbana e em sua dinâmica social, a força de uma história construída ao longo de três séculos.

Nascida oficialmente em 13 de abril de 1726, ainda com o nome de Vila, Fortaleza atravessou diferentes períodos históricos e diversos momentos políticos que marcaram profundamente sua trajetória. Ao longo desse tempo, transformou-se de pequeno núcleo urbano em uma grande capital, caracterizada por crescimento constante e por notável

vitalidade econômica.

Hoje, Fortaleza destaca-se entre as capitais nordestinas, alcançando uma população aproximada de três milhões de habitantes e mantendo um ritmo contínuo de expansão. Seu desenvolvimento pode ser observado tanto na modernização da infraestrutura urbana quanto na multiplicação de espaços residenciais, comerciais e culturais que valorizam a cidade.

A metrópole apresenta uma sólida rede educacional, composta por instituições públicas e privadas que contribuem para a formação de milhares de estudantes. Soma-se a isso a expansão da indústria, a força do comércio e a crescente participação nas atividades de importação e exportação, fatores que consolidam sua importância econômica regional.

Fortaleza também se destaca pela presença de um expressivo complexo hospitalar e medicinal,

responsável por atender não apenas a população local, mas também cidadãos vindos de diferentes regiões do estado e do país. Paralelamente, o turismo ganha destaque com o apoio de uma excelente rede hoteleira e com as belezas naturais que caracterizam o litoral cearense.

Ser cearense, portanto, é motivo de legítimo orgulho. Mesmo diante das transformações demográficas e sociais, a cidade segue avançando com vigor. A presença crescente da tecnologia — especialmente com o desenvolvimento da Inteligência Artificial — evidencia uma sociedade que se renova e se adapta aos desafios do mundo contemporâneo.

Nesse cenário, a juventude cearense desponta com talento e criatividade, destacando-se em diferentes áreas do conhecimento e contribuindo para projetar Fortaleza para além das fronteiras nacionais.

Celebrar o tricentenário de Fortaleza é reconhecer uma história de resistência, crescimento e esperança. É também reafirmar a confiança no futuro de uma cidade vibrante, que continua a se reinventar sem perder suas raízes culturais e seu espírito acolhedor.

Parabéns, Fortaleza!



SONHOS

POR PEDRO BLUM



Pensando em teus olhos verdes,
lembranças pude guardar
daquelas noites frias
em que eu podia te beijar.

Tanto bem eu te queria,
muito eu tinha que aprender:
amar com infinidade
que me fazia te perder.

A cor da tua pele,
a maciez de tuas mãos,
teu corpo aveludado
me enchia de emoção.

Teus cabelos pretos e lisos
eu podia pentear.
O ruim dessa história
é que eu tive que acordar



**Quem lê não apenas passa
os olhos pelas páginas —
atravessa mundos, amplia
a mente e descobre dentro
de si caminhos que antes
não existiam.**

Jangada - Isabel Barros

No arrasto da rede,

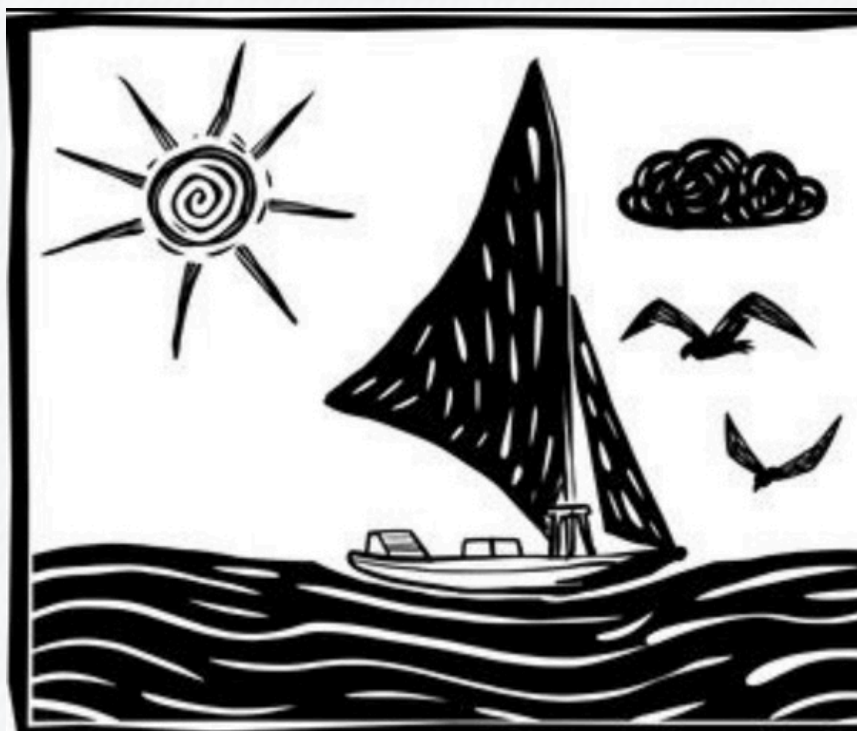
O peixe se enrola,

O remanso embala

A jangada no mar.

Tem peixe na rede,

É hora de pescar.



De volta à jangada no mar,

O vento sopra e balança.

É a tamanca.

Voo e navego

Na mesma proa...

UMA CRÔNICA

A VELHICE

Por: Pedro Blum e Gilson Pónthes

A velhice chega como a tarde. Não vem de repente — ela se anuncia aos poucos, como a luz do sol que já não queima, mas acaricia. Há quem a tema, como se fosse o fim. Mas talvez seja apenas um outro começo — mais silencioso, mais profundo.

Feliz é aquele que chega até ela.

Não porque a velhice seja fácil. Não é. O corpo, que antes obedecia sem perguntas, passa a negociar cada gesto. As pernas pensam antes de caminhar. As mãos, antes firmes, agora tremem histórias. E há as dores... ah, as dores — essas visitas indesejadas que insistem em permanecer.

Mas não é a velhice que mata.

O que fere, muitas vezes, são os excessos esquecidos no caminho, os descuidos da juventude, as pressas de viver tudo sem pausa. A vida, sábia como é, cobra com juros aquilo que foi vivido sem medida.

Ainda assim, não é um convite à tristeza.

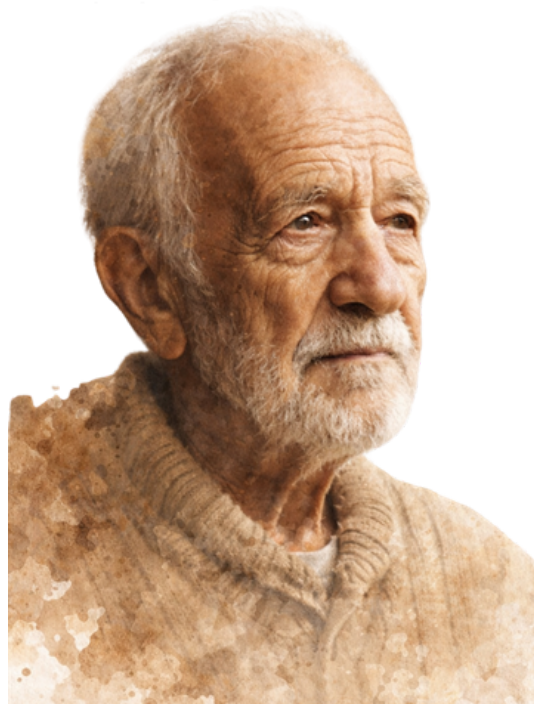
É um convite à delicadeza.

Viver, sim. Aproveitar, sim. Rir, amar, contemplar — tudo isso permanece necessário. Mas agora com a leveza de quem entende que o tempo não precisa ser vencido, apenas vivido.

Cada corpo carrega sua própria história. Nenhum envelhece igual ao outro. Há mistérios no sangue, segredos no DNA, marcas únicas como impressões digitais. Somos, cada um, uma velhice diferente.

Talvez envelhecer seja isso:

Aprender a ouvir o próprio corpo como se fosse um velho amigo. Respeitar seus silêncios. E, sobretudo, continuar encontrando beleza — mesmo quando o espelho já não devolve a juventude, mas revela algo muito mais raro: a permanência da alma.



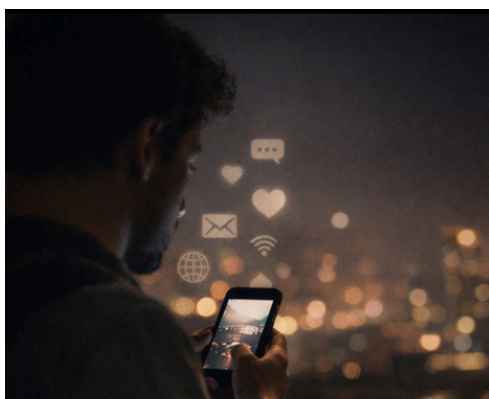
UM MUNDO VIRTUAL – CRÔNICA

Gilson Pónthes

Vivemos cercados por telas que nos prometem presença imediata. Tudo está ao alcance de um toque: pessoas, notícias, lembranças, distrações. O mundo virtual encurta distâncias, mas cria outra medida de ausência — aquela que acontece quando estamos em todo lugar e, ao mesmo tempo, pouco onde estamos.

Nesse espaço, o tempo corre diferente. Não amadurece, atualiza. Não aprofunda, substitui. A novidade constante cria a sensação de movimento, enquanto a vida real continua pedindo pausa, atenção e demora.

Talvez o desafio não seja desconectar, mas reaprender a habitar. Usar o virtual como ponte, não como morada. Porque a existência verdadeira ainda acontece fora do deslizar dos dedos — no instante que não pode ser salvo, apenas vivido.



**Aqui está um caça-palavras
com filósofos importantes.
Tente encontrar os nomes na
grade (horizontal, vertical ou
diagonal)**

F	I	L	O	S	O	F	I	A	H	K	T	M	Q
P	L	A	T	A	O	D	R	Y	U	A	E	N	L
Z	X	C	V	B	N	M	A	S	D	F	G	H	J
K	A	N	T	W	Q	R	T	Y	U	I	O	P	L
H	U	M	E	E	R	T	Y	U	I	O	P	L	K
L	O	C	K	E	P	O	I	U	Y	T	R	E	W
Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	A	S	D	F
H	E	G	E	L	K	L	M	N	B	V	C	X	Z
A	R	I	S	T	O	T	E	L	E	S	A	Q	W
Q	W	E	R	T	Y	U	I	O	P	L	K	J	H
N	I	E	T	Z	S	C	H	E	R	T	Y	U	I
S	O	C	R	A	T	E	S	Q	W	E	R	T	Y

platão, kant, hume, locke, hegel, aristóteles, nietzsche, sócrates